

## Da escrita linear à escrita digital: atravessamentos profissionais

Alzira Maria Baptista Lewgoy\*  
Marina Patrício de Arruda\*\*

### Resumo

As Novas Tecnologias inauguram uma era digital que se materializa na complexidade dos atuais processos de trabalho que desafiam os professores à renovação de sua própria prática profissional. Se, por um lado, o avanço tecnológico imprime mudanças significativas no modo de agir humano, por outro, o binômio novas tecnologias e educação superior constituem um recente conjunto de experiências enquanto processo de ensino-aprendizagem, desafiando-nos a repensar a nossa prática docente neste início de século. Nessa medida, este estudo considera as concepções teóricas de Pierre Lévy como possibilidade de apresentar algumas considerações teórico-metodológicas introdutórias para nossas respectivas teses de doutorado. O objetivo deste trabalho é refletir sobre o fenômeno da escrita digital e os atravessamentos profissionais que esta possibilidade de comunicação propicia aos professores das mais diferentes áreas da educação. Neste exercício de co-autoria, buscamos também tecer considerações sobre a emergência *de uma inteligência coletiva* e sua condição elementar que é a de compartilhar conhecimentos, para que, nesse movimento, possamos compreender o desenvolvimento humano de forma associada à evolução das técnicas de comunicação.

**Palavras-chave:** Escrita digital. Prática profissional. Inteligência coletiva.

### Abstract

New technologies launch a digital era that materializes itself in the complexity of the current work processes which challenge teachers in order to renew their own professional practices. If in one hand the technological advance describes significant changes in the human behavior, in the other hand the terms new technologies and superior education constitute a recent set of experiences as a teaching-learning process, challenging us to rethink our educational practice in this beginning of century. Therefore, this study considers Pierre Lévy's theoretical concepts as a possibility to present some introductory theoretical-methodological considerations to our respective doctorate thesis. This paperwork aims to reflect upon the digital writing phenomena and the professional reflections this communication possibility provides to teachers from different educational areas. In this co-authorship exercise we also seek to establish considerations regarding the emergency of a collective intelligence and its elementary condition of sharing knowledges so that, in this movement, we can understand the human development associated to the evolution of communication techniques.

**Key words:** Digital writing. Professional practice. Collective intelligence.

### Introdução

Na era digital, a internet apresenta-se como a nova tecnologia da inteligência,<sup>1</sup> capaz de aumentar a capacidade humana de aprender e compreender. Na interação com o texto

---

\* Assistente Social, Docente da Faculdade de Serviço Social da PUCRS, Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUCRS sob a orientação do Professor Doutor Jayme Paviani.

\*\* Socióloga, Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – PUCRS sob a orientação da Professora Doutora Jussara Mendes. Docente do Centro Universitário Feevale.

<sup>1</sup> Esse termo *tecnologia da inteligência* foi desenvolvido por Pierre Lévy (1993), e a idéia de que a internet é uma tecnologia da inteligência é desenvolvida por Franco (1997, p. 15) apoiado em Deleuze e Guattari,

digitalizado, pela particularidade hipertextual das redes telemáticas que se caracterizam sobretudo por permitir conexões *on line* e interativas, é estabelecida uma lógica dinâmica e não-linear capaz de potencializar formas de aprendizado cada vez mais complexas. É dessa forma que o hipertexto Lévy (1993) possibilita a ruptura com o pensamento linear e com as formas de escrita até então conhecidas, pois inclui uma outra lógica de construção, que permite articular várias habilidades simultaneamente. A complexidade desta tarefa pode ampliar a cognição humana, propiciando novas possibilidades de criação, tendo em vista os processos de simulação, hipertextos e multimídia.<sup>2</sup>

Nas imersões virtuais, rearticulamos, reestruturamos e transformamos as demais formas de linguagem<sup>3</sup> utilizadas até então. Desta forma, se a humanidade evoluiu passando por certas técnicas fundamentais de comunicação oral e escrita, chegando hoje aos computadores, foi porque construiu saberes, apoiando-se em tecnologias revolucionárias.

Entre as idéias inovadoras merece destaque o *ciberespaço*.<sup>4</sup> Este novo campo para a navegação virtual acentua a complexidade das práticas profissionais ao incluir a dimensão do intangível, do imensurável. Assim, a revolução digital não só redesenha os espaços ocupacionais, mas também as competências e habilidades demandadas pela Sociedade do Conhecimento. As novas tecnologias transformam a relação com o espaço, dando-nos uma nova percepção de mundo e, neste contexto, observamos uma era digital marcada por uma velocidade e um estilo de vida nunca antes experimentados. O desenvolvimento das redes de computadores instaura um novo espaço para a cultura digital (Franco, 1997) que se estabelece a partir de uma rede de todas as memórias informatizadas e de todos os computadores. Para além da interface com o computador, a possibilidade de construção de uma inteligência coletiva vem ganhando força. É o surgimento do *coletivo pensante* (Lévy, 1994), no qual homem e tecnologia interagem, produzindo novas formas de subjetividade, de cognição e de relações humanas.

De fato, a aceleração tecnológica deste início de século vem alterando nossa concepção materialista do espaço. É o que Harvey (1993) chama de compressão espaço-temporal. A velocidade da mídia eletrônica instaura uma nova forma de experienciar o tempo, substituindo a noção de tempo-duração por tempo-velocidade. O tempo advindo das novas tecnologias é marcado pela interatividade *on-line*, pela comunicação em tempo real, o que altera nosso sentido cultural de tempo e espaço. Uma das razões para o *e-mail* ter ganhado esse status na comunicação digital foi a velocidade e a assincronia que lhe são peculiares. Através desse meio, a “comunicação assíncrona se dá no tempo da disponibilidade do usuário, ao passo que a comunicação em tempo real (síncrona) se dá no tempo do meio de comunicação” (Lévy, 2000, p. 43).

O correio eletrônico, ao restabelecer o hábito do exercício da escrita, mostra ainda que não há contradição entre a esta e a informática, pois ambas são complementares. A informática passa a ser uma tecnologia da inteligência que complementa a escrita, não ocorrendo nenhum processo de substituição ou superação.<sup>5</sup> Aliás, neste espaço antropológico

---

para nos mostrar as diferenças entre o texto tradicional construído como uma árvore; de forma orgânica e linear é o livro construído em *platôs* e se dá num movimento transversal nomeado de *rizoma*.

<sup>2</sup> Esse termo refere-se à tecnologia que une o microcomputador à televisão e aos discos laser, para acessar um banco de imagens e textos

<sup>3</sup> No livro *As tecnologias da inteligência*, Lévy (1993) retoma as diferentes técnicas de comunicação utilizadas pelo homem ao longo da história. Foi através delas que atravessamos diferentes fases de desenvolvimento : a oral, a escrita e agora a digital.

<sup>4</sup> *Ciberespaço* é um termo utilizado por Pierre Lévy, que significa a infra-estrutura material da comunicação digital, ou seja, o espaço de possibilidades infinitas para a navegação virtual.

<sup>5</sup> Essa idéia vem no bojo da teoria da complexidade cujo movimento dialógico inclui um pensamento articulado e complementar.

propício às relações humanas, a escrita passa a ser um pressuposto para o trânsito ciberespacial.

No *ciberespaço* não é mais o leitor que se desloca diante do texto, mas é o texto que se desloca e se desdobra de forma diferente no contato com cada leitor (Lévy, 2000, p.14), possibilitando que este não mais se coloque numa posição passiva diante de um texto estático, mas em meio a um processo dinâmico participe como sujeito de uma construção coletiva. Pela perspectiva de rede hipertextual,<sup>6</sup> todos os textos passam a fazer parte de um mesmo texto dinâmico que faz desaparecer a noção de página com fronteiras delimitadas, para fazer circular o saber em fluxo. Esta reconfiguração revela a construção de uma nova *inteligência* potencializada pela sensibilidade, percepção e imaginação, cujos dispositivos técnicos podem colaborar no aprendizado e na aquisição de saberes.

Segundo Lévy, quando o alfabeto foi inventado só se dispunha de suportes fixos e, no entanto, agora dispomos de suportes maleáveis e dinâmicos, o que pode trazer-nos maiores benefícios pela agilidade que imprimem à nossa inteligência. É a inauguração de uma *ideografia dinâmica* que explora completamente a inteligência a partir de uma linguagem animada.

Em meio a tanta mudança, e para tratar um tema contemporâneo, lançamos mão deste exercício de co-autoria para ampliar nossa reflexão sobre a *escrita digital*. Partimos do pressuposto de que as novas tecnologias inauguram uma era digital que desafia os professores à renovação de sua própria prática profissional. Para nós, o desafio é também motivado pela considerável parcela de alunos que já interagem com o mundo digitalizado. Afinal, como utilizar este aparato tecnológico de forma a mediar a construção de saberes, posturas e intervenções ante o ensino do trabalho profissional?

Dessa forma, considerando que o binômio novas tecnologias/educação superior constitui um recente conjunto de experiências enquanto processo de ensino-aprendizagem, dispomo-nos a refletir a partir da seguinte questão: *Como* a escrita digital pode renovar a prática profissional do professor, possibilitando o surgimento de uma inteligência coletiva capaz de permitir-nos compartilhar conhecimentos?

Estaremos, ao longo destas considerações, estudando as contribuições teóricas de Pierre Lévy,<sup>7</sup> pesquisador contemporâneo que trabalha as questões relacionadas com as novas tecnologias da comunicação. Este artigo se desenvolve através de um sistema de idéias desdobrado em tópicos que nos ajuda a responder ao problema acima proposto.

## 1 Da escrita linear à escrita digital

Para uma melhor compreensão sobre o desafio da retomada da escrita proposto pela era digital, estaremos sistematizando as diferentes formas de comunicação desenvolvidas pela civilização ao longo dos tempos, conforme apontamentos de Lévy (1998).

Nas sociedades orais, as mensagens eram transmitidas e recebidas no mesmo local. Emissores e receptores encontravam-se inseridos em um mesmo contexto. Nas sociedades orais, o suporte da memória social era a própria memória das pessoas que, de vez em quando, retomavam as histórias e os mitos para garantir a perpetuação das tradições. A escrita trouxe novas perspectivas à comunicação: mensagens podiam ser recebidas por pessoas situadas em

---

<sup>6</sup> O hipertexto surge a partir da reescritura do texto pelas novas tecnologias da informação, de inspiração matemática e computacional e, como lembra Lévy, representa uma mudança radical das interfaces tradicionais da escrita.

<sup>7</sup> Pierre Lévy é filósofo e se intitula *Engenheiro do Conhecimento*. É Professor da Universidade de Paris X (Nanterre) e atualmente trabalha como professor convidado na Universidade de Quebec. É um dos pensadores mais importantes da nova cultura cibernética e vem desenvolvendo pesquisas sobre as tecnologias da inteligência, inteligência coletiva e inteligência artificial.

diferentes e longínquos contextos, não havia mais necessidade de uma comunicação direta. Passamos da comunicação oral à escrita, cruzando também por mudanças estruturais; da circularidade dos diálogos à linearidade proposta pela escrita. O saber ficou estocado em livros estáticos, separados do sujeito, consultável. As mensagens podiam ser lidas fora de seu contexto de origem, propiciando o surgimento de uma racionalidade que remete à noção de totalidade. “Graças à escrita, vencemos uma nova etapa. “Essa técnica possibilitou um acréscimo de eficácia da comunicação e da organização dos grupos humanos bem mais importante que o permitido pela fala” (Lévy, 1998, p. 17).

Se antes os emissores de uma mensagem se esforçavam por fazê-la circular pelo mundo, com a escrita, a mensagem ganha nova possibilidade de circulação, garantindo o seu significado em qualquer contexto. Com o passar dos tempos, os meios de comunicação de massa – imprensa, rádio, cinema e televisão – vão seguindo a mesma lógica do universo totalizante que, por circular através de um meio desprovido de interatividade, ignora a singularidade do receptor e sua microcultura. Com o avanço tecnológico, surge nova possibilidade de agenciamentos a partir do uso que fazemos do *mouse*, ícones e janelas enquanto transmitimos sons, imagens e documentos por meio de computadores e linhas telefônicas na Internet. Possibilitadas pelo ciberespaço, as mensagens são virtualmente contextualizadas, ainda que em situação, por vezes, confusa. É da interconexão generalizada que surge a nova forma do universal, que não mais *totaliza o sentido* e que se mantém por uma interação geral. É certo que este universal contém alta dose de “global e planetário”, mas não se restringe a isto, pois é indissociável da idéia de humanidade, e o que lamentamos, neste momento, é que ainda a maioria da população esteja excluída deste processo de comunicação digital.

Ao inventar um universal sem totalidade, o ciberespaço também inaugura um ponto de encontro para a espécie humana, e este seria então o terceiro estágio da evolução que mantém a universalidade, dissolvendo a totalidade. Este novo patamar da comunicação propõe a formação de uma comunidade mundial, e mesmo que esta permaneça conflituosa e desigual, como diria Lévy, é preciso pensar as técnicas em sua positividade e considerar que a *cibercultura* desenvolve-se a partir de uma prática contínua de busca de informações e conhecimento, o que os filósofos iluministas acreditavam ser o motor do progresso e que incluía a idéia de “liberdade, igualdade e fraternidade”. A diferença é que, hoje, na era digital, “os valores se encarnam em dispositivos técnicos concretos”.<sup>8</sup> Assim, a igualdade só pode ser concretizada na medida em que socializamos conhecimentos entre a comunidade virtual. “Em um sentido, a cibercultura dá continuidade à grande tradição da cultura européia. Em outro, ela transforma o conceito de cultura”.<sup>9</sup>

Como professoras/pesquisadoras e profissionais, interessa-nos compreender qual o significado cultural disso, já que hoje dispomos de uma ferramenta de comunicação muito diferente, que estabelece outra relação entre emissores e receptores. Nesta interatividade, identificamos “um centro emissor e uma multiplicidade de receptores” dispostos a interagir através da escrita digital cujo texto se desdobra a partir de cada leitor.

Pode-se então assinalar a emergência de um novo tipo de inteligência capaz de potencializar formas de cooperação em tempo real, permitindo a emergência da imaginação e da inteligência das pessoas numa outra perspectiva. É nesta medida que buscamos compreender o desenvolvimento humano de forma associada à evolução das técnicas de comunicação, especialmente a escrita digital como possibilidade de inovação de nossa prática profissional, conforme veremos a seguir.

<sup>8</sup> LÉVY, in *Folha de São Paulo*, 16 ago. 1997, Caderno Mais.

<sup>9</sup> Id., *ibid.*

## 2 Atravessamentos profissionais: um diário digital de estágio

A escrita digital se torna mais visível na nossa prática profissional à medida que também passamos, no desenvolvimento desta habilidade, a demandar de nossos alunos a elaboração e apresentação de trabalhos científicos digitalizados, aposentando de vez a velha e boa máquina de escrever. A expectativa de uma nova estética e de agilização na organização dos trabalhos acadêmicos permitiu-nos navegar por caminhos até então desconhecidos construindo outras formas de abordagem do conhecimento. Nossa experiência com a escrita digital começa de forma cautelosa e só aos poucos vai ganhando força de prática. É pelo fascínio e facilidade aberta pela comunicação digital que nós, como docentes, decidimos solicitar dos alunos a elaboração de trabalhos, artigos ou relatórios teórico-práticos. Nossa conexão com o mundo virtual começou em 1993. Naquele ano, quando iniciamos nossa docência no curso superior, já apontávamos a habilidade da escrita digital como facilitadora no processo de fazer e refazer o texto em tempo bem menor do que o processo da escrita linear desprovida dos recursos das novas tecnologias. Nos anos seguintes, fomos procurando refletir com os alunos sobre a utilidade do uso do computador, considerando alguns fatores como a possibilidade do armazenamento da memória em disquetes, a utilização de ferramentas inusitadas para a elaboração do texto, empregando uma linguagem ideográfica, que, baseada em certos tipos de signos ou ícones, permitia “recortar, copiar e colar” para refazer uma idéia já escrita. Fomos descobrindo que o computador nos oferecia uma outra lógica na qual era permitido errar, refazer, articular várias idéias e, em meio a esta dinâmica, fomos abandonando a máquina de escrever e reinventando uma escrita flexível. A informática se apresentava, enfim, como um “facilitador da vida moderna”, como diziam e ainda dizem nossos alunos na academia.

Só mais tarde, com a implementação do diário digital é que esta habilidade de comunicação ganhou maior espaço no nosso cotidiano educacional. Como professoras, convivemos por um longo tempo com os dois tipos de escrita, tanto com o diário de estágio registrado de forma linear como o de forma digital. Aos poucos, fomos incentivando a entrega de trabalhos digitalizados, assinalando as facilidades em elaborar e reelaborar nossos próprios textos, utilizando-nos de uma gama variada de suportes tecnológicos fortemente operativos. A recomendação do uso da escrita digital era feita após a entrega dos trabalhos “de forma presencial”, momento em que destacávamos o meio de comunicação digital como possibilitador de criação de novas práticas humanas. Em meio a estas reflexões, fomos descobrindo que o fato de estarmos envolvidas prazerosamente com essa nova linguagem digital, foi o que nos instigou a aceitar os nossos primeiros desafios virtuais. Ao acatar as demandas por interação digital, advindas de alguns alunos, foi que nos abrimos à novidade de “supervisionar a distância”. A escrita digital apresentou-se como mais uma possibilidade de aprimoramento profissional, já que a supervisão por si só envolve a articulação de várias outras habilidades. Entretanto, reconhecemos que este processo de interação via novas tecnologias só pode ser gradativamente aceito pelo mundo acadêmico à medida que fazemos uso dele. Assim, aos poucos, passamos a receber o diário de forma virtual, via correio eletrônico, o que permitiu uma interação cada vez mais ágil com os alunos, inaugurando uma nova perspectiva para a nossa interlocução. Nosso objetivo ao interagir de forma digital foi estabelecer uma comunicação mais pedagógica, na qual pudéssemos estimular outras habilidades além da expressão verbal e da escrita linear. O que não esperávamos, e que para nós foi uma descoberta gratificante, foi perceber que, nesta nova interação, assegurávamos a cada aluno um retorno rápido, respeitoso e distinto, cuja recursividade<sup>10</sup> também nos

<sup>10</sup> Segundo Morin(1998), o pensador da complexidade, no princípio recursivo não há mais determinismo mecânico, trivial, linear. A relação entre os seres vivos não se dá de forma reducionista de “causa e efeito”. Somos ao mesmo tempo produto e produtores.

beneficiava. Esta possibilidade aberta pela comunicação digital propiciou-nos uma outra compreensão do espaço virtual e do processo de ensino-aprendizagem. Percebemos, então, que poderíamos otimizar a nossa prática propiciando uma relação pedagógica mais dialógica. Este novo recurso pedagógico, o da “escrita digital”, estaria também possibilitando a construção de profissional mais crítico, flexível, criativo, executivo e propositivo?

Ao lançarmos mão do exercício virtual de “supervisão a distância,” instituímos a dinâmica das cores para assinalar as ações estabelecidas pelas estudantes e descritas em seus diários de campo. Isto representou para todos nós um exercício bastante interessante. As ações descritas pelas alunas ganharam cores quando passaram pelas mãos do professor. Cada ação descrita no diário digital assumiu uma cor, e esta sistemática permitiu que a estudante visualizasse sua forma de intervir em sua prática profissional. As cores com que pintavam os diários guardavam possibilidades reflexivas importantes sobre a intervenção de cada um. Como professoras, observávamos e orientávamos sobre a necessidade de apropriação teórica, sistematização da prática, ações propositivas, reflexões sobre o fazer profissional, enfim, várias questões eram assinaladas no sentido de proporcionar novas indagações e questionamentos sobre o agir profissional. Nesta perspectiva, as estudantes se sentiram instigadas a problematizar a sua particularidade como ser pensante que utiliza o diário não apenas como registro, mas, principalmente, como instrumento de reflexão. Num movimento mais geral, à medida que cada uma aprendia, ia também disponibilizando aos demais, componentes do grupo suas descobertas e sua construção particular de conhecimentos, enriquecendo a si e ao grupo com suas experimentações reflexivas. Para nós, docentes, ficou a idéia de que este aprendizado coletivo revitalizava não só a formação do assistente social como também a nossa prática profissional da qual somos sujeitos inseparáveis.

No contexto das imersões virtuais, reestruturamos e transformamos a comunicação e a nossa própria prática pela escrita digital. Restaria ainda o registro de outras tantas descobertas que fizemos na interação com o computador, na construção de um novo diário, o digital. Nesta nossa incursão descobrimos possibilidades preciosas para o professor e para o ensino do trabalho profissional. Outras tantas deverão ser investigadas, propostas e refletidas pela academia, pois à medida que experimentamos a navegação digital, também possibilitamos uma relação intensa de troca de saberes e experimentos. Neste exercício, o aluno e o professor escrevem, enviam, recebem, lêem e discutem o que ambos perceberam e aprenderam. A descoberta feita é potencializada através de um diálogo *on-line*, e também de uma análise detalhada, plena de possibilidades e de questionamentos que, possivelmente, ampliarão nossa atividade pedagógica e nossa cognição humana.

Na transição do diário linear para o diário digital, convém ainda retomarmos a discussão sobre a formação profissional do assistente social. Entendemos que o diário constitui um instrumento capaz de possibilitar o exercício acadêmico na busca da identidade profissional. Reconhecemos que, através de sucessivas aproximações críticas, poderemos proporcionar uma reflexão a respeito da ação profissional cotidiana, revendo seus limites e desafios. Este documento digital passa a incluir um caráter não só descritivo-analítico, mas também investigativo e de sínteses cada vez mais provisórias e reflexivas. Uma fonte inesgotável de construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento profissional e do agir através de registros quantitativos e qualitativos.

O diário se apresenta, há muito, como uma ponte que estabelece diversas conexões entre teoria-prática/academia-campo de estágio/supervisão, evidenciando subsídios para a intervenção crítica do real e a orientação da ação profissional. Atualizado pela habilidade da escrita digital, o diário pode tornar-se um instrumento flexível e ágil capaz de permitir uma problematização mais modernizada e dinâmica da ação profissional, conduzindo a uma investigação também mais pertinente sobre o cotidiano e as questões que nele se apresentam. Por outro lado, a dinâmica estabelecida a partir da comunicação digital pode possibilitar-nos

novas reelaborações interventivas, considerando que a tecnologia da escrita permite-nos organizar nossas reflexões sobre a nossa atuação profissional. Esse movimento pode conduzir-nos a novas sistematizações, capacitando-nos a propor e a intervir na realidade na qual vivemos e trabalhamos. Para a nossa atividade docente, o diário digital inaugurou uma nova possibilidade de reflexão, de instrumentalização e de aprendizado mútuo. O fato de escrevermos sobre a própria prática permitiu-nos *aprender a aprender* num ambiente totalmente novo e potencialmente criativo, o que pode revitalizar toda uma prática educativa.

Se, ao escrever, temos a possibilidade de sistematizar e organizar nosso pensamento a respeito de nossa prática, ao “digitalizar”, aceitamos o desafio de construirmos juntos o conhecimento. A hipertextualidade, característica da comunicação digital, ao permitir um aprendizado mútuo, faz com que o diário digital se apresente como extremamente apropriado para um trabalho pedagógico cuja complexidade inclui um processo técnico-operativo-metodológico e pedagógico do aluno na sua ação cotidiana profissionalizante. Isto, se o compreendemos como “...um documento pessoal-profissional no qual o aluno fundamenta o conhecimento teórico-prático, relacionando-o com a realidade vivenciada no cotidiano profissional, através do relato de suas experiências e sua participação na vida social” (Lewgoy et al., 2000, p. 4).

Uma indagação emerge diante das reflexões feitas para saber se a construção do diário está para além de uma dimensão técnico-operativa. Entende-se que este procedimento, apesar de relativamente novo para as docentes e para os acadêmicos, não se esgota na reprodução da técnica digital. O processo instaura uma postura no estudante, à medida que ele se reconhece na produção do seu trabalho, o que pode traduzir-se num processo de inteligência coletiva, pelo fato de o acadêmico ser prazerosamente convidado a pensar sobre o modo da comunicação eletrônica, bem como sobre as competências preconizadas nas novas diretrizes curriculares para o Serviço Social.

O que para nós fica objetivado nas falas dos acadêmicos é que o diário pode ser um ponto de partida para a instauração de uma inteligência coletiva. Por quê? Havendo uma interação entre os acadêmicos e os docentes e a continuidade do processo de diálogo entre os estudantes em encontros grupais em sala de aula, o laço social fica fortalecido. Com esta interação, percebe-se que ocorre um enriquecimento pessoal através das intervenções grupais, bem como o alcance social deste laço à medida que o acadêmico tem o processo como referência, construindo, desse modo, um novo conhecimento da aprendizagem coletiva.

E é a realidade dos novos tempos, era dos computadores, a grande inspiradora do surgimento do diário digital como desafio para que a universidade acompanhe os avanços das pesquisas e das práticas no mundo virtual. A interação eletrônica é intensa, fazendo com que as pessoas pensem em conjunto sobre assuntos diversos, e se compreende por que essa dinâmica facilita a constituição de uma inteligência coletiva informatizada. O correio eletrônico ganha espaço em virtude do interesse cada vez maior de todos aqueles que, aos poucos, vão despertando para o fascinante mundo da informática. É dessa forma que o diálogo eletrônico, em expansão contínua, vem possibilitando a construção de um novo pensar sobre a escrita digital.

### **3 A escrita digital como habilidade da inteligência coletiva**

Nada mais metafórico do que o conceito de *inteligência coletiva*, utilizado por Pierre Lévy. Qual seria a imagem da inteligência coletiva? A partir das idéias estudadas, fomos compreendendo que a informática comunicante seria a infra-estrutura de um cérebro coletivo que poderá ampliar-se e desenvolver-se através da escrita digital de maneira recíproca, pois a inteligência coletiva não é um conceito exclusivamente cognitivo. Inteligência deve ser compreendida aqui como a expressão “trabalhar em comum acordo”, ou no sentido de

entendimento com o inimigo. “[...] Em uma época que carece de perspectivas, assumo o risco de propor um norte, uma direção, algo como uma utopia”.<sup>11</sup>

Nesta perspectiva, a escrita digital não só se apresenta como uma tecnologia da inteligência, mas como uma habilidade imprescindível à construção das competências profissionais, neste início de século. Ao retomarmos essa habilidade, estaríamos também retomando a construção do laço social, de modo a reinventá-lo.

Lévy considera o aprendizado recíproco como a possibilidade de mediação das relações entre os homens. Assim, o outro passa a representar uma fonte de enriquecimento de nossos próprios saberes, na medida em que atuamos melhor juntos do que separados, associando nossas competências. A inteligência coletiva passa a ser então um espaço de troca de saberes impagável para todos os aprendizes. Seria esta a nossa condição de transição entre o paradigma da precisão e o paradigma da incerteza?

A “epistemologia da precisão passa a ser substituída pela epistemologia da incerteza”,<sup>12</sup> quando experimentamos as imersões ciberespaciais. A interação com o computador pode inovar a nossa prática profissional pela multiplicidade de caminhos e idéias que se abrem à nossa frente. A imprecisão que nos angustia pode viabilizar novos aprendizados e possibilidades de criação. Este novo momento da comunicação deveria possibilitar-nos compartilhar nossos conhecimentos e esta é a “condição elementar da inteligência coletiva” (Lévy, 1998, p. 18).

No regime assalariado, o indivíduo vende sua força de trabalho, mas, na sociedade do conhecimento, isso deverá ceder lugar à valorização direta de suas competências qualitativamente diferenciadas. Várias discussões procuram evidenciar a diferença entre competência e habilidades que convém ainda assinalar.<sup>13</sup> As habilidades estão associadas ao saber fazer: ação física ou mental que indica a capacidade adquirida. Assim, compreender fenômenos, relacionar informações, analisar situações-problema, sintetizar são exemplos de habilidades. Já as competências são um conjunto de habilidades harmonicamente desenvolvidas e que caracterizam, por exemplo, uma profissão específica como arquiteto, médico ou professor.

Na compreensão dessas idéias, fomos percebendo que habilidades digitais apresentam-se como novas ferramentas da comunicação. Em termos sociais, seria interessante que essas habilidades fornecessem aos grupos humanos instrumentos para reunir suas forças mentais a fim de constituir intelectuais coletivos. Na Europa, no final do século XVIII, instaurou-se a garantia jurídica da propriedade intelectual (direitos autorais, patentes e outros), assim o reconhecimento tornou a inovação atrativa. Hoje teríamos que realizar um salto do mesmo tipo no que diz respeito às competências e inteligências coletivas. O reconhecimento contemporâneo poderia agilizar a organização de várias inteligências, nas quais pudesse estar sendo difundido o respeito às diferenças, o que possibilitaria, num âmbito mais geral, uma sociedade mais educada, mais tolerante e respeitosa. “A inteligência coletiva, lembremos, é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada e mobilizada em tempo real”.<sup>14</sup>

Por outro lado, é preciso estar atento para não confundi-la com projetos “totalitários” de subordinação dos indivíduos. O formigueiro exemplifica o contrário da inteligência coletiva. Esta última não é fixa nem programada, nem resultado mecânico de atos cegos e

<sup>11</sup> LÉVY, 1998. op. cit., p. 26.

<sup>12</sup> Pappert, op. cit., p. 251.

<sup>13</sup> Ver in: BRASIL, MEC. *As novas diretrizes curriculares que mudam o Ensino Médio brasileiro*, Brasília, 1998. BRASIL, MEC. *Currículo: referenciais e tendências*. INEP, Brasília, n. 58, abr./jun. 1993. COLL, César et al. *Os conteúdos da reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

<sup>14</sup> LÉVY, 1998, p. 30.



automáticos. No coletivo inteligente, os atos são coordenados e avaliados em tempo real, de acordo com critérios constantemente reavaliados. E esta foi a experiência vivida por nós quando da experiência com o *diário de estágio digital*. Por isso, não se trata de fundir as inteligências individuais numa espécie de magma indistinto e sim de um processo de crescimento, de diferenciação e de retomada recíproca das singularidades.

## Considerações finais

Se a Internet já se traduz na maior ferramenta de aproximação e comunicação jamais criada é porque, além de constituir-se no meio de comunicação mais veloz capaz de conectar o mundo inteiro, inaugura uma era sem precedentes para a humanidade. Ao possibilitar novas formas de acesso à informação (navegação), novos estilos de raciocínio e de conhecimento (simulação), as novas tecnologias intelectuais favorecem e pressupõem reformas nos atuais sistemas educacionais, o que também diz respeito às nossas práticas educativas.

O desafio de se trabalhar em rede inclui compreender o usuário como parte de um processo social complexo. O trabalho em rede implica a participação dos usuários envolvidos, pois se trata de “um processo democrático de tomada de decisões e de implementação de ações, fundado no compartilhamento de valores e de propostas, onde é indispensável negociar as diferenças e combater as formas manifestas e larvares de autoritarismo”.<sup>15</sup>

As redes de computadores espalhadas pelo mundo têm garantido troca de experiências, mobilização de ações, denúncias e difusão de informação desencadeadas por ONGs, empresários e outros movimentos sociais. Os interesses podem ter pressupostos diferentes, mas importa-nos que a organização de redes impliquem um processo cada vez mais democrático, fortalecendo ações de maior alcance, capazes de denunciar a exploração sexual de crianças, ou de combate à pobreza e trabalho infantil. O trabalho em rede, ao pressupor uma ação aberta e flexível, pode interferir nas mudanças culturais e institucionais. Ao experimentarmos a escrita digital, como dispositivo capaz de incrementar a nossa prática profissional, descobrimos possibilidades de reflexões para nossa própria vida. Ao tentarmos responder à nossa questão reflexiva – *Como a escrita digital pode renovar a prática profissional do professor, possibilitando o surgimento de uma inteligência coletiva capaz de permitir-nos compartilhar conhecimentos?* – também descobrimos um novo espaço no qual a habilidade da escrita digital pode ressuscitar valores ligados à responsabilidade, confiança, solidariedade e amor que, integrados, poderão propiciar-nos novas formas de ensinar e aprender cujo “projeto convoca um novo humanismo que inclui e amplia o “conhece-te a ti mesmo” para um “aprendamos a nos conhecer para pensar juntos” (Lévy, 1998, p.17).

## Referências

BRASIL, MEC. *As novas diretrizes curriculares que mudam o Ensino Médio brasileiro*, Brasília, 1998.

———. *Currículo: referenciais e tendências*. INEP, Brasília, n. 58, abr./jun. 1993.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLL, César et al. *Os conteúdos da reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

---

<sup>15</sup> FALEIROS, Vicente de Paula. Desafios do serviço social na era da globalização. In: revista *Serviço Social & Sociedade*, ano 10, n. 61, nov. 1999, p. 179-180.

FALEIROS, Vicente de Paula. Desafios do Serviço Social na era da globalização. In: Revista *Serviço Social & Sociedade*, ano 10, n. 61, nov. 1999, p. 179-180.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.

LEWGOY, Alzira Maria Baptista; KERN, Francisco Arseli et al. *Diário de estágio em Serviço Social – subsídios para reflexões*. Trabalho elaborado pela turma 123, na disciplina de Metodologia III B, em sala de aula. Porto Alegre: PUCRS, set. 2000.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

———. *A ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial?* Tradução de Marcos Marcionilo e Saulo Krieger. São Paulo: Loyola, 1998.

———. *Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.

———. A emergência do ciberespace e as mutações culturais. In: PELLANDA, Nize M. Campos; PELLANDA, Eduardo Campos (org.). *Ciberespaço um hipertexto*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

———. O inexistente impacto da tecnologia. Especial para a *Folha de São Paulo* em 17 ago. 1997.

———. A emergência do cyberspace e as mutações culturais. In: PELLANDA, Nize M. C.; PELLANDA, Eduardo (org.). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

———. O universal sem totalidade, essência da cibercultura. In: <<http://portoweb.com.br/textos>>.

MORIN, Edgar. *O Método 4. As idéias: habitat, vida, costumes, organização*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1998.

PELLANDA, Nize M. C. O “Ciberespace” e a nova arena de luta para os trabalhadores. Texto disponibilizado pela Internet s/r., dia 12 jun. 19/98, p. 2.

PAPPERT, Seymour. *A máquina das crianças*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.